

**Niède Lis Aimée de Castro
Oliveira**

Universidade Estadual do Piauí
E-mail: niedelisaimee@hotmail.com

Yan Nogueira Guimarães

Universidade Estadual do Piauí
E-mail: yan_ngr@hotmail.com

Ana Célia Sousa Cavalcante

Universidade Estadual do Piauí
E-mail: anaceliasousa@uol.com.br

CIDADÃOS E CIDADÃS MAIS CONSCIENTES

Uma experiência no contexto escolar

RESUMO

Este artigo é parte do Estágio Curricular Supervisionado do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí, na disciplina de Psicologia Escolar e Educacional. Trata-se do relato de experiência em uma escola da rede privada de Teresina, Piauí. O estágio constituiu-se da seguinte forma: atividades práticas no ambiente escolar e supervisões teóricas semanais. Teve como objetivo desenvolver competências e habilidades técnicas e interpessoais relevantes à atuação do psicólogo escolar/educacional. Após terem sido identificadas as demandas, a atuação dos estagiários passou a ser focada na promoção do senso de responsabilidade social e na promoção do exercício da cidadania. Com essa intervenção, buscou-se uma concepção de saúde para além dos limites da ausência de doenças. Os resultados obtidos dizem respeito à conscientização por parte dos alunos sobre a importância dos valores morais e das atitudes de cidadania, dentro e fora do contexto escolar.

Palavras-chave: psicologia escolar; conscientização; valores morais; responsabilidade social; cidadania;

ABSTRACT

This article/work is related to a curricular supervised internship, in the graduation of Psychology, at Universidade Estadual do Piauí (University of the State of Piauí). The subject is Scholar Psychology. It's about a professional experience in a private school in the city of Teresina, state of Piauí. It happened as follows: practical tasks inside the scholar field and weekly theoretical supervision classes. The main methodology was to make an institutional analysis, then identify the needs to be worked on and make an Intervention Project. When the needs of the institution were identified, the Intervention was about the concepts of citizenship and social responsibility. Thus, this intervention focused a concept of health beyond the absence of diseases. The results showed the importance of moral values and citizenship behaviors, inside and outside the scholar environment.

Keywords: Scholar Psychology; Citizenship; Moral Values; Social Responsibility; Awareness.

1 Introdução

Esse trabalho constitui-se enquanto projeto de intervenção, realizado em uma escola da rede privada de Teresina, Piauí, a partir da experiência no estágio de Psicologia Escolar de dois alunos do 9º bloco de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí. Teve como foco principal a facilitação de grupos de discussão com o público-alvo do “Grupo do Bem”, o qual inclui 16 alunos de várias turmas, distribuídas do 9º ano do ensino fundamental ao 2º ano do Ensino Médio da escola em questão.

O “Grupo do Bem” era um projeto criado anualmente pela psicóloga da escola (supervisora local dos estagiários) e tinha como metas visitar uma instituição filantrópica da escolha do mesmo e realizar uma intervenção, de acordo com as demandas encontradas. De início, foi realizada uma visita a uma instituição filantrópica, com o objetivo de conhecê-la, fazer o “diagnóstico” institucional e entrar em contato com os funcionários e usuários. Após a análise institucional, foi realizada uma segunda visita, na qual efetivou-se a intervenção, montada pelos alunos do grupo, envolvendo desde a entrega de doações, arrecadadas entre os alunos, até a realização de atividades que eram do interesse da instituição e estavam dentro das respectivas demandas.

A partir da visita realizada pelos alunos à instituição escolhida, deu-se início ao projeto organizado pelos estagiários, em que um grupo de discussão e troca de experiências foi formado, tendo como participantes os mesmos alunos da visita institucional. O grupo foi designado como “Cidadãos e Cidadãs mais Conscientes” e teve por objetivo trabalhar temas relacionados à cidadania, apresentando como enfoque as experiências e vivências da referida visita.

A postura metodológica de trabalho científico aqui descrita encaixa-se naquilo que se conhece como Psicologia Positiva, a qual procura enfatizar os aspectos positivos, como as potencialidades dos alunos. O objetivo geral deste trabalho enquanto projeto de intervenção foi promover o senso de responsabilidade social e o exercício da cidadania dentro do ambiente escolar.

Todo o conhecimento teórico sobre os temas abordados foi adaptado à linguagem e ao nível de conhecimento dos alunos. Esse foi o grande desafio dos estagiários neste trabalho: tornar atrativo e instigante o conteúdo teórico exposto durante o processo do grupo, relacioná-lo ao cotidiano deste, e fomentar um debate

sobre o tema, enriquecendo ao máximo a experiência, tanto para os facilitadores, quanto para o grupo em si.

2 A escola e seu papel na formação de cidadãos

O tema cidadania é um tema bastante abrangente, e o intuito da intervenção dos estagiários, aqui descrita, foi exatamente esse, conseguir abordar os mais diversos temas, incluindo aqueles que aparentemente não estavam relacionados, através da reflexão e problematização da atitude dos alunos enquanto cidadãos.

Tendo como ponto de partida a reflexão dos alunos sobre o que é ser cidadão, conseguiu-se chegar a algo mais específico, que é a extensão dessa atitude para dentro do ambiente escolar. Com isso, a discussão chegou a envolver temas como ética, moral e valores, abarcando assuntos como: respeito ao próximo, respeito ao professor, autonomia e capacidade crítica, transformação da realidade social, o não permanecer passivo diante dos problemas, poder de decisão e muitos outros.

Ao se pensar a escola como o meio através do qual o aluno entra em contato com os mais diversos saberes, assim como aprende normas, regras e comportamentos, pode perceber-se a importância da mesma para a construção do sujeito psicológico e seus valores, assim como para a formação de pessoas mais cientes de seus direitos e deveres cívicos. Através da escola o sujeito se constrói como pessoa, aprendendo habilidades que lhe são essenciais para a vida em sociedade.

De acordo com Morin (2005), a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa, ensinando-a a assumir a condição humana, a viver e a como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação à sua pátria. O que se supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional.

Como se percebe, a escola assume um papel essencial na vida do indivíduo, colaborando para a própria emancipação do ser humano, e é a partir dessa visão de educação que os estagiários procuraram inserir-se dentro do ambiente escolar, em busca de promover o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes, assim como da autonomia dos mesmos.

É por meio da reflexão e discussão de suas próprias questões, assim como através da problematização de suas atitudes, que os alunos tornam-se capazes de dar respostas às situações de adversidade, conseguindo encontrar caminhos mais efetivos para solucionar os problemas. No entanto, muitos autores têm questionado se a escola

realmente está cumprindo com o seu papel, pois não é isso que tem acontecido na prática. A escola tem sido alvo de inúmeras críticas, sendo considerada alienante e reforçadora da própria violência e segregação. Em vez de contribuir para a emancipação do sujeito, ela tem contribuído para a formação de pessoas que se encontram impedidas de tomar suas próprias decisões, estando pouco preparadas para a vida em sociedade.

De acordo com Guzzo (2001), a escola não permite uma formação cidadã. Trata-se de um espaço pouco motivador, com relações de poder e submissão, reproduzindo a violência e o autoritarismo e facilitando comportamentos de risco. Para ela, a escola do futuro deveria ser um espaço onde professores e alunos aprendem uns com os outros e aprendem a viver a cidadania.

É por esta e por outras razões que a escola precisa refletir sobre a sua função. Para que possamos pensar na transformação da realidade social como um todo, é preciso que pensemos primeiramente na transformação do ensino e da educação. Só é possível uma transformação a nível macro se passarmos inicialmente por uma transformação a nível micro. Por isso, a escola deve assumir uma postura inovadora, indo além da simples transmissão de saberes. A respeito disso, e tendo como base a verdadeira função do ensino, Morin (2005) explica que:

A primeira finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia. O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. (MORIN, 2005, p. 21)

O aprendizado seria, dessa forma, não uma pura transferência de conhecimentos, mas um processo de reconstrução e reorganização da experiência, uma vez que a vida humana é caracterizada pela contínua reflexão e pelo posicionamento crítico diante das situações, ou pelo menos é assim que deveria ser. O aluno deve ser instigado a problematizar o conhecimento, a criar e a vivenciar. Com isso, ele pode tirar suas próprias conclusões e ter novas experiências de aprendizado, as quais são únicas e contribuem para o desenvolvimento do indivíduo como um todo.

Refletindo-se um pouco mais sobre a função que o ensino deve exercer, no sentido de promover o desenvolvimento de habilidades cívicas direcionadas à cidadania, percebe-se ainda a importância de outro tema, não menos importante, e que também não deixa de estar relacionado a tudo isso: a responsabilidade moral.

Conforme Vázquez (2008), um dos índices fundamentais do progresso moral é a elevação da responsabilidade dos indivíduos ou dos grupos sociais no seu comportamento moral. Todo ato moral inclui a necessidade de escolher entre vários atos possíveis. Ter de escolher supõe que preferimos o mais valioso ao menos valioso moralmente ou ao que constitui uma negação de valor negativo ou desvalor.

É aqui onde a educação entra como influenciadora em tal processo, servindo como veículo na transmissão de valores para os estudantes, os quais irão nortear as escolhas morais de cada indivíduo.

Segundo Passos (2007),

É de fundamental importância o processo de socialização, especialmente o educacional, enquanto veículo de propagação e transmissão da base cultural e valorativa das sociedades. A educação serve para transmitir idéias políticas e sociais, princípios religiosos, regras morais e para estruturar sua forma de ser e de comportar-se. Por exemplo, as pessoas aprendem a distinguir as atitudes que são socialmente aceitas daquelas que são rejeitadas, os sentimentos que podem ser explicitados e os que precisam ser abafados, as emoções que devem ser liberadas em cada momento e por quem (a depender do sexo, da raça e da condição social). (PASSOS, 2007, p. 138 - 139)

No entanto, é preciso que o processo educacional atente para que não se transforme num conjunto puro de regras e imperativos, com normas inquestionáveis, comprometendo a capacidade do indivíduo de realizar-se como pessoa, de definir a direção da sua própria vida e de escolher o seu modo de ser.

Sobre isso, Passos afirma que a escola deve proporcionar um modelo ético de educação, ou seja, ajudar na formação de uma prática educativa eticamente coerente. Dessa maneira, o seu respectivo papel seria não o de proibir, mas o de apontar o que deve ou não ser feito, colaborando para a formação da consciência, a qual irá orientar a forma de agir e as escolhas do indivíduo. Para tal, é necessário que se rompa com a moral dos imperativos, respeitando-se a subjetividade das pessoas e contribuindo para a elevação da condição humana.

Educar não é tirar a liberdade e a subjetividade do aluno, mas respeitá-lo enquanto sujeito que possui desejos e capacidade de julgamento. Quando se fala aqui em liberdade, não se trata de uma liberdade absoluta, mas do entendimento de que a escola precisa abrir espaço para que o aluno desenvolva a sua consciência crítica, pois, mais do que as regras estabelecidas, quem, afinal de contas, irá nortear as escolhas do indivíduo será a sua própria consciência.

Paulo Freire (1996) muito tem a dizer sobre isso:

Gostaria uma vez mais de deixar bem expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões. Foi isso pelo menos, o que marcou a minha experiência de filho, de irmão, de aluno, de professor, de marido, de pai e de cidadão. A liberdade amadurece

no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã. É indispensável que os pais tomem parte das discussões com os filhos em torno desse amanhã. Não podem nem devem omitir-se, mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e não seu. É preferível, para mim, reforçar o direito que tem a liberdade de decidir, mesmo correndo o risco de não acertar, a seguir a decisão dos pais. É decidindo que se aprende a decidir. (FREIRE, 1996, p. 105 - 106)

É com tal tipo de visão que a Psicologia Escolar deve estar comprometida, não procurando cercear a liberdade dos indivíduos, mas colaborando para a ampliação da autonomia dos mesmos enquanto sujeitos capazes de fazer escolhas e de encontrar caminhos como forma de solucionar os problemas, dando respostas a eles. “O desafio do psicólogo escolar é (...) contribuir para a emancipação do ser humano” (PASSOS, 2007, p. 148). Já a educação precisa estar comprometida com um novo modelo e uma nova ordem, em que os indivíduos necessitam ser vistos como únicos.

3 A psicologia e a promoção da saúde

Conforme os estagiários adentravam e conheciam a escola, a realidade institucional começava a ser desvendada e a caracterização do ambiente começava a ser realizada. Logo no início, perceberam que não lhes era conveniente ficar apenas na sala da Psicologia esperando que as demandas fossem surgindo. A partir daí os estagiários buscaram realizar o processo de observação participante.

De acordo com Martins (1996), a observação participante permite ao psicólogo escolar apropriar-se do cotidiano da escola, analisando-o na forma de história acumulada e, a partir desse cotidiano, ter acesso às representações sociais, as quais são todas as significações construídas pelos sujeitos da educação, na forma de explicações e afirmações sobre a realidade. Através da observação participante, o psicólogo toma o ambiente escolar como espaço de pesquisa e intervenção, inserindo-se dentro do grupo observado e contribuindo para a reconstrução dos processos que ocorrem na vida diária da escola.

Sob essa ótica, os estagiários passaram a percorrer todo o ambiente escolar, conhecendo os principais atores daquele cenário e entrando em contato com toda a dinâmica institucional. Tudo isso possibilitou a aquisição de um conhecimento mais amplo a respeito da instituição, o que foi essencial para as intervenções ali realizadas.

Por meio da utilização desse tipo de metodologia, procurou-se evitar determinados tipos de postura, os quais são pouco eficazes e utilizados por inúmeros psicólogos pouco preparados para atuar na área. Em relação a tais posturas, durante

muito tempo, a Psicologia Escolar sofreu inúmeras críticas. Por conta de atitudes como: atuação focada no atendimento clínico, na correção ou ajuste de condutas tidas como inadequadas e no estabelecimento de diagnósticos, tratando os problemas de forma isolada, sem considerar todo o contexto histórico e social ali existente.

Conforme Passos (2007), eram muitas as críticas feitas por especialistas à Psicologia Escolar, até por volta dos anos 1970. O psicólogo estabelecia uma forma de tutela sobre as condutas escolares, diagnosticando e sugerindo caminhos para a sua solução. No entanto, a situação vem tomando novos rumos, a partir da construção de novos conhecimentos na área e da atuação de alguns profissionais comprometidos.

Tendo como base isso, os estagiários logo tiveram a preocupação de elaborar intervenções que não estivessem focadas na correção de comportamentos vistos como inadequados, na simples remediação de problemas já instalados e na avaliação dos problemas de maneira descontextualizada.

Segundo Guzzo (2007),

É neste contexto que o Psicólogo precisa atuar, olhando para o cenário e sua dinâmica. Não sendo formado para atuar nestes contextos, aqueles psicólogos que escolhem este espaço de trabalho para buscar uma forma de transformar o que está posto sentem-se impotentes, sem perceberem sentido em uma forma tradicional de intervenção, pois sua prática se mantém fundamentada em uma ideologia que provoca e mantém o cenário de dominação e violência, cujas conseqüências traduzem-se na culpa da criança e sua família e no conseqüente e esperado fracasso escolar. (GUZZO, 2007, p. 25 - 26).

Tendo em vista tais considerações e tomando como ponto de partida o cotidiano escolar, com suas principais demandas, as intervenções aqui descritas estiveram focadas em uma visão para além dos limites da ausência de doenças. Utilizou-se como referencial o arcabouço teórico da Psicologia Positiva, o qual detém uma visão de ser humano com destaque para as suas virtudes, buscando fugir de ideologias que enfatizam o estudo sobre as psicopatologias e a remediação de problemas já instalados.

De acordo com Morais e Koller (2004), a psicologia positiva, ao invés de ater-se a questões como a correção de fragilidades e defeitos, procura compreender os fatores que são responsáveis pelo desenvolvimento de potencialidades no indivíduo, as quais irão ajudar na superação das dificuldades. A compreensão desses fatores é essencial para a construção de intervenções mais focadas na prevenção e na promoção da saúde. A psicologia positiva propõe-se ainda a fazer uma mudança de paradigma nos estudos sobre o desenvolvimento humano, saindo da visão da doença e partindo em direção à saúde, enfocando aspectos como o otimismo, a felicidade, a esperança, a fé etc.

Sendo assim, ao contrário de serem penalizados por não realizarem bem determinadas tarefas, os alunos devem ser encorajados e reforçados por cada conquista, não importando o quão pequena possa ser. É preciso que o psicólogo pare de trabalhar dentro de uma postura de culpabilização dos estudantes, a qual só reforça a estigmatização e a segregação dos mesmos, e passe a atuar dentro de um contexto mais voltado para a perspectiva da promoção da saúde.

Para Contini (2000), a promoção da saúde define-se a partir de uma visão sistêmica, sendo alcançada através do equilíbrio estabelecido entre os mais diversos aspectos da vida humana, como lazer, moradia, trabalho, educação, dentre outros. O equilíbrio entre esses aspectos forma o grande mosaico da saúde. Desse modo, a psicologia deve ter como objetivo principal a promoção da saúde, superando as práticas curativas e indo, até mesmo, além das práticas preventivas, visto que essas últimas também trazem em seu conceito a visão de patologia, na forma de prevenção ao aparecimento de doenças.

Muitos são os questionamentos realizados atualmente por inúmeros autores e profissionais a respeito do conceito de saúde. E realmente esse conceito precisa ser questionado, a fim de que sejam evitadas confusões e mal entendidos. Refletir sobre tudo isso é fundamental para que o psicólogo venha saber qual é o seu verdadeiro papel, não caindo nas mesmas práticas curativas e descontextualizadas realizadas por profissionais despreparados.

Conforme Passos (2007), o psicólogo deve aprofundar-se nas raízes do problema, não apresentando satisfação com a aparência dos mesmos e procurando fazer uma análise crítica dos fatos. Para que haja uma atitude ética do psicólogo, segundo a autora, é preciso que haja a criação de estratégias no sentido de fazer com que os sujeitos da educação venham refletir, discutindo e transformando suas questões. A psicologia deve comprometer-se com a conscientização dos sujeitos, oportunizando a expressão dos sentimentos, ajudando na compreensão dos processos, assim como na busca por caminhos para solucionar os problemas.

Ter uma postura ética, da forma como é descrito pela autora, não é fácil, e requer esforço, dedicação, criatividade, inovação e acima de tudo consciência crítica. Sendo assim, indubitavelmente não é possível que haja uma contribuição por parte da psicologia no sentido de promover a emancipação do ser humano e o desenvolvimento da sua consciência, sem que antes haja uma transformação da própria atitude dos psicólogos enquanto sujeitos também dotados de consciência crítica, a qual muitas vezes acaba não sendo utilizada, o que leva inúmeros profissionais a ficarem passivos

diante das situações de desafio, assim como a receberem queixas escolares sem um mínimo de reflexão sobre as mesmas, tratando-as como verdades absolutas.

4 Fomentando uma discussão com os alunos

Como já foi explicado acima, o projeto de intervenção foi desenvolvido com 16 alunos de várias turmas, distribuídas do 9º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio, tendo como foco principal a facilitação de grupos de discussão com o público-alvo do “Grupo do Bem”, grupo esse que fora criado pela psicóloga da escola. O “Grupo do Bem” tinha como meta, todos os anos, visitar uma instituição filantrópica da escolha do mesmo, montando um projeto de intervenção.

Durante o processo de organização das ações a serem realizadas na instituição alvo do “Grupo do Bem”, os estagiários marcaram encontros com os alunos na escola, a fim de se realizar os grupos de discussão.

A metodologia utilizada para as discussões foi a de grupo focal que, segundo Kind (2004),

[Os grupos focais] utilizam a interação grupal para produzir dados e insights que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo. Os dados obtidos, então, levam em conta o processo do grupo, tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. (KIND, 2004, p. 125).

No sistema do grupo focal, existem dois papéis para os facilitadores: um é o moderador, e o outro é o observador. Aquele tem como função básica a condução do grupo. É aquele que argumenta com os participantes, dialoga, inserindo as questões norteadoras e os pontos teóricos. Já o observador tem como papel “analisar a rede de interações presentes durante o processo grupal” (KIND, 2004, p. 130). Logo, este fica mais passivo (mas não menos participativo), registrando os principais pontos abordados na discussão.

A cada discussão, um estagiário assumia a função de moderador; e outro de observador, revezando-se os papéis. Foram utilizadas questões e pontos teóricos norteadores nas discussões, para que essa não tivesse muita digressão, saindo dos objetivos do trabalho. No momento do grupo, os participantes ficavam sentados com as cadeiras dispostas em formato circular, e o moderador conduzia o grupo com questões norteadoras e pontos teóricos relativos ao tema do dia, sempre relacionado à Cidadania.

No primeiro grupo de discussão, o principal tema trabalhado foi a própria experiência da visita institucional, a qual foi realizada uns dias antes. Como a proposta metodológica era trabalhar as discussões aliadas às experiências dos alunos, o momento foi muito oportuno para que cada um expusesse suas opiniões, ideias e vivências no momento da visita e do conhecimento do local, para promover um enriquecimento da discussão. E assim foi feito: cada aluno relatou suas principais expectativas, impressões, anseios e preocupações, suscitados a partir da visita.

Os principais pontos abordados foram: a importância de executar ações de cunho solidário para ONGs, haja vista suas necessidades; a importância de realizar-se campanhas de conscientização para toda a sociedade, em relação a causas específicas (no caso em questão, assistência e adoção de animais abandonados); e a grande riqueza de experiências e oportunidades de atuação direta em questões que dizem respeito à sociedade, quando a escola promove trabalhos e ações que extrapolam seu próprio ambiente físico.

No segundo grupo de discussão, na semana seguinte, o tema central era a pergunta “o que é ser cidadão?”. Antes de a discussão iniciar-se, um vídeo foi mostrado para o grupo, com o tema “cidadania: o que eu tenho a ver com isso?”, e se começou a debater as questões que eram colocadas lá, com temas que perpassavam conceitos como: cidadania; papéis sociais; direitos e deveres do cidadão; a relevância da educação na sociedade moderna.

Após o vídeo, iniciou-se a discussão propriamente dita com o grupo. O tema do dia (“o que é ser cidadão?”) já trouxe em si uma questão norteadora, que ensejou a discussão. Um participante então respondeu, sem termos técnicos, de um modo bem direto e simples, o que é ser cidadão para ele, como ele é cidadão em seu dia-a-dia. Outra pessoa concordou, mas acrescentou algo, e então outro discordou e apresentou seu ponto de vista, e assim a discussão teceu-se.

Um ponto muito interessante foi inserir dentro da problematização, trechos do projeto político-pedagógico e do regimento interno da própria escola. Eles trazem passagens tais quais a “missão da escola de formar o sujeito integralmente, [...] na busca de um viver democrático, voltado para uma sociedade harmoniosa, justa e participativa”; a educação como “a garantia inalienável do exercício da cidadania plena”. À medida que essas citações eram inseridas pelo moderador na discussão, estimulava-se a reflexão e a problematização dessas tais proposições, entre todos os participantes do grupo.

Dentre os principais pontos discutidos, os participantes relacionaram a cidadania com o respeito ao próximo e o respeito ao professor; relacionaram cidadania e boas ações dentro e fora do ambiente escolar; houve também uma conexão entre cidadania e o tema do bullying, em que se relatou a necessidade de haver um combate a esse tipo de prática, como um dever e papel daquele que é cidadão na escola e está em um ambiente de respeito e colaboração; e se debateu também sobre algumas regras estabelecidas na escola, de caráter restritivo (proibição do uso de certos acessórios, tatuagem e certos tipos de roupa, consideradas extravagantes para o ambiente escolar).

Com questionamentos simples, porém diretos, como “o que isso significa para você? ”, ou “como é que isso é vivenciado por vocês no cotidiano da escola?”, as discussões em torno dos temas desenrolaram-se, sempre com o moderador em contato mais ativo com o grupo, e o observador em contato mais passivo, registrando o que ocorre durante o processo. O moderador tem como função, a todo momento, estabelecer quem deve falar, quando alguém levanta a mão, pedindo sua vez para se manifestar, bem como conduzir a discussão, de um lado prestando atenção para ela não fugir demais do tema proposto, mas por outro lado, tendo a criatividade de estimular a discussão para que ela se torne a mais fluida e envolvente possível para todos.

No terceiro grupo de discussão, foi trabalhada a temática das redes sociais relacionada à Cidadania. A pertinência desse tema para o presente trabalho existe porque, durante todo o transcorrer do estágio, algumas redes sociais foram usadas para comunicação, agendamento e planejamento das ações do grupo, bem como divulgação das fotos que foram tiradas durante as visitas e os grupos de discussão. Outro motivo importante para se trabalhar esse tema é a presença desses meios de comunicação na vida dos alunos, fato que, levado em consideração, produziu uma discussão muito prolífica sobre o tema.

Nesse grupo de discussão, foram utilizados alguns pontos norteadores da discussão, para haver uma boa fluidez do debate, sem haver digressão quanto ao tema proposto. Por exemplo, “quais redes sociais vocês conhecem e utilizam? Com quais usos e finalidades? Quais suas vantagens e desvantagens? ”. Logo após essas perguntas, foi inserida uma outra questão norteadora, relacionando as redes sociais com o conceito de cidadania: “Cidadania e redes sociais: como relacionar os dois campos? ”. E a discussão tinha seu prosseguimento, com considerações por parte dos participantes.

Dentre alguns pontos relatados, está o fato de que as redes sociais são um meio de difusão de novas idéias; de ligar as pessoas quando elas estão mais distantes; algo que pode aproximá-las, mas também afastá-las; utilizadas para aprendizado acadêmico e formação de grupos de estudo. Foram também ressaltados aspectos negativos, como preconceito e discriminação pelas redes sociais; utilização para fins criminosos, ou para invasão da privacidade de outras pessoas, e; alienação, onde foi citado o fato de que algumas pessoas culpam as próprias redes sociais e de mídia, em vez de assumir as consequências dos seus atos.

Quanto à relação desse tema com a cidadania, os participantes discutiram em torno de acontecimentos bem concretos, como: as redes sociais enquanto instrumentos de exercício da democracia, por meio da liberdade de expressão; os movimentos de participação social, organizados através das redes sociais, como greves e movimentos de defesa de direitos. Esses foram os principais pontos relatados e discutidos entre os participantes, reiterando que sempre em uma linguagem que eles entendessem e fosse atraente e estimulante para o processo de discussão.

Os grupos de discussão, vale ressaltar, tiveram seu complemento com a própria ajuda institucional, sendo que a combinação desses dois eixos de intervenção incrementou e enriqueceu bastante o trabalho dos estagiários.

5 Conclusão

Conclui-se o trabalho com a constatação, a partir da experiência relatada, da importância de se trabalhar, dentro do ambiente escolar, temas que enfoquem atitudes mais positivas e promovam o desenvolvimento das potencialidades dos alunos.

Quanto aos resultados dos grupos de discussão, algo muito interessante (diria-se até inesperado para os objetivos propostos no projeto de intervenção) foi a observação das próprias contradições presentes na escola, por exemplo, na relação entre alunos e professores, no que concerne à questão da autoridade; e a assuntos que são ensinados em teoria, mas não há sua prática efetiva no contexto da escola.

Um desafio muito grande foi adequar o horário dos encontros ao cronograma dos alunos, já que alguns deles estudavam no período da tarde, e outros pela manhã. As reuniões aconteciam aproximadamente uma vez por semana, no meio da semana, pela manhã, ou aos sábados. Por conta disso, foi muito difícil reunir todos os 16 alunos em um encontro, pois sempre havia imprevistos e outras circunstâncias.

Logo, conclui-se com a ênfase na importância de haver trabalhos como este em escolas, para que haja um processo de apropriação do papel do aluno diante dela e da sociedade, visto que todos esses elementos estão conectados, como é abordado em um tópico anterior (a escola como formadora de cidadãos). Além disso, a compreensão do papel do psicólogo escolar como promotor, gerador de saúde, entendendo-se esta como um bem-estar geral, que envolve múltiplos fatores e compreende indivíduo, família, escola e a sociedade como um todo.

Referências

- CONTINI, M. L. J. Discutindo o conceito de promoção de saúde no trabalho do psicólogo que atua na educação. *Psicol. Cienc. Prof*, Brasília, v. 20, n. 2, jun. 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUZZO, R. S. L. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.). *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida*. Campinas: Alínea, 2001. cap. 1. p. 25-42.
- KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, jun. 2004.
- MARTINS, J. B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, Londrina, v. 17, n. 3, set. 1996.
- MORAIS, N. A., & KOLLER, S. H. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In: KOLLER, S. H. (Org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisas e intervenções no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 91-107.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PALUDO, S. S.; Koller, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para novas questões. *Revista Paidéia*, v.17, n.36, p.9-20, 2007.
- PASSOS, E. *Ética e Psicologia: teoria e prática*. Vetor, 2007.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.